Boletim Operário 349

Caxias do Sul, 07 de agosto de 2015.

A Greve pelas 8 horas

Trabalhadores!

Agora que os Vossos Companheiros abrem resolutamente o caminho das reivindicações, imitai o forte exemplo, procurai melhorar a vossa situação – menos horas de fadiga, mais descanso, isto é, menos necessidade de álcool para chicotear os nervos num trabalho brutal, mais alegria no lar, mais pão para a boca, mais instrução para vós, mais bem-estar e educação para os filhos!

Não deis força aos vossos inimigos de classe – que tão hipocritamente falam em "liberdade de trabalho" - traindo os vossos companheiros em luta, rompendo a sua solidariedade, forçando-os com vossa traição a voltar ao mesmo jugo.

Trabalhadores!

Os patrões e a polícia empregam contra vós a violência, a arbitrariedade, o engano, a mentira na imprensa, os sofismas, os manejos jesuíticos que desconcertam e intimidam: mas não desanimeis.

Além do direito, tendes também a força – que é a força do vosso braço indispensável e da vossa união.

A união dá confiança mútua e a coragem: associai-vos e agil!

Viva a solidariedade operária!

São Paulo, 24 de maio de 1907.

Os Metalúrgicos

Os metalúrgicos, que logo no princípio obtiveram a jornada de 8 horas e alguns melhoramentos em diversas casas, estão em luta com os patrões da Companhia Mecânica, das oficinas Lidgerwood e da fábrica de pregos Santa Rosa. A energia e firmeza destes operários não fraquejou ainda, segundo lemos diariamente nos jornais de São Paulo. Então decididamente dispostos a não voltar ao trabalho sem alcançar a vitória.

Não tem procedido da mesma maneira os da fábrica de pregos "Ipiranga" e os da fábrica de camas de ferro de Afonso Mormano que depois de alguns dias de luta voltaram ao trabalho nas condições anteriores, excetuando cinco operários que não cometeram a indignidade de curvar-se perante os seus exploradores.

Os Pedreiros

Depois de obrigarem todos os patrões a ceder às suas reclamações – dia de 8 horas e pagamento semanal – voltaram todos ao trabalho.

Os Sapateiros

Seguindo o exemplo das outras classes, os operários sapateiros publicaram vários manifestos, conseguindo por em agitação a classe obtendo em algumas casas as 8 horas e alguns melhoramentos.

Acham-se ainda em greve os das fábricas Clark e Mellilo.

«Ninguém tem o direito de me julgar a não ser eu mesmo. Eu me pertenço e de mim faço o que bem entender.»
- Raul Seixas

Marmoristas e Canteiros

Estes operários foram os primeiros a conquistar as 8 horas embora não estivessem organizados. Finda a sua greve reorganizaram seu sindicato.

Os Gráficos

Em quase todas as casas os gráficos conseguiram o horário de 8,30 horas e algumas melhoras. Segundo os jornais recebidos, são poucos os que continuam em greve.

Os Tecelões

Na fábrica Penteado, os operários voltaram ao trabalho, nas seguintes condições: horário de 11 horas – nos trabalhos por obra; - aumento de 25 a 40%, segundo a qualidade dos trabalhos.

Continua a greve na Fábrica Crespi.

Na fábrica do ladrão condecorado Matarazzo, digno confrade do escravocrata Penteado, continua a greve. Segunda-feira última foi afixado à porta da fábrica o seguinte aviso: "Hoje , às duas horas, pagamento a todos os operários que não se apresentaram ao trabalho. Amanhã começarão a funcionar os teares automáticos".

Nenhum operário se apresentou ao trabalho.

Os Chapeleiros

Após alguns dias de luta, os chapeleiros conseguiram fazer ceder os patrões, obrigando-os a assinar as reclamações por eles feitas, voltando todos ao trabalho.

As Costureiras

Estas operária, que sem dúvida alguma estavam em condições revoltantes, insuportáveis, declararam-se em greve também, reclamando vários melhoramentos. Em quase todas as casas conseguiram 9 e 9,30 horas de trabalho e aumento nos ordenados.

Diversos patrões, especialmente um explorador sem consciência chamado Bonilha, empregaram os mais baixos manejos para coagir e amedrontar as operárias, chegando o citado canalha a mandar prender, depois de as insultar, duas ou três costureiras, acusando-as de cabeças da greve. A polícia, isso nem se discute, apresentou-se imediatamente para cumprir as ordens do miserável seu patrão. Ele, que as insultou e agrediu, ficando em liberdade.

Continua a greve em algumas casas que não cederam às reclamações das operárias.

Empregados da Limpeza Pública

Declararam-se também em greve, tendo conseguido um aumento de 15$000 por mês no seu ordenado.

Trabalhadores em madeira

Conseguiram também as 8 horas e alguns outros melhoramentos os trabalhadores em madeira, estando já restabelecido o trabalho em quase todas as casas.

Além destas classes, entraram em ação mais as seguintes: Construtores de veículos, passamaneiros; padeiros e confeiteiros; serventes de café, confeitarias, restaurantes e hotéis; ourives e relojoeiros; encanadores e funileiros; trabalhadores em olarias; construtores de balanças; vidraceiros; jardineiros e anexos; fabricantes de massas; doceiros; trabalhadores em curtumes; fabricantes de pentes e barbatanas.

Os presos

Segundo cartas particulares que recebemos e pelas notícias dos jornais, foram postos em liberdade quase todos os presos, entre os quais se achavam os nossos camaradas Edgard Leuenroth e Corelli. Este último publicou no Avanti! Uma interessante carta que, por absoluta falta de espaço, só na próxima semana daremos aos nossos leitores.

No interior

Em Campinas continua em pé e firme a greve de diversas classes, inclusive a dos metalúrgicos da casa Lidgerwood, puramente de solidariedade.

Em São Bernardo, Ribeirão Preto, Salto de Itu e Santos, prossegue firme, tendo já vários patrões acedido às reclamações. Sobre a greve de Santos, chegou-nos à última hora uma carta do companheiro Nilo Ferreira, que também por falta de espaço só sairá na semana próxima.

A Terra Livre
São Paulo, 25 de maio de 1907.